

Paulo-Roberto Andel

Dois ônibus

Esta semana fiz algo que há muito tempo não fazia. Melhor dizendo, que quase nunca fiz. Entrar num ônibus sem saber ao certo seu percurso. Fiz isso duas vezes.

Quando era garoto eu adorava ler o Guia Rex. Estudar os nomes das ruas dos bairros, das ruas dos trajetos dos ônibus e por aí vai. Quando estagiei na Firjan, os mensageiros me pediam dicas sobre ônibus e ruas, era engraçado.

Por muito tempo fui um entusiasta da cidade, atravessando bairros e bairros, mas à medida que tenho envelhecido as travessias reduziram drasticamente. Com as mudanças de mãos das ruas, de números das linhas e as reformas desde a Copa 2014, perdi meu capital de informações. Além do mais, trabalho perto de casa, faço muita coisa a pé, Uber e táxi. Às vezes pego um ônibus por 900 metros para chegar a estação Carioca do metrô.

Nem sempre foi assim. Especialmente entre 1988 e 1994, quando fazia faculdade e me deslocava de lá, para o trabalho e para casa. Eu gostava, mesmo. Sempre gostei de ver a paisagem, as pessoas perto. Claro, eu nunca pertenci à população oprimida pelas precariedades do sistema de transportes. Era pobre também, mas um pobre que usa ônibus na zona sul e no Centro é privilegiado na comparação com usuários da zona norte, oeste e região metropolitana.

Veio o 201. Chovia fininho, ainda tinha uma hora para abrir a loja. Entrei. Antigamente ele subia até o fim da Almirante Barroso e volta-

va pela Assembleia. Mudou. Virou para a direita depois pegou a Araújo Porto Alegre. Me deu uma saudade enorme da ABI - outro dia mesmo estávamos lá lutando contra o golpe e Isabel estava deitadíssima no chão, vendo um vídeo. Nossa musa do vôlei, tão cheia de vida. E a Sala Sidney Miller? Quantos shows maravilhosos ali, de Jorge Mautner a Victor Biglione, tanta coisa.

Simpático o motorista. Conversa com uma passageira conhecida, risonha. Aí chegamos à Evaristo da Veiga e, rapidamente, República do Paraguai - que eu adoro porque você vê do alto a avenida Chile, os grandes prédios, o Edise, símbolos de uma afirmação carioca, talvez. Dia de chuvinha, ruas vazias trânsito livre.

Sem planejar nada, descobri que o ônibus me deixaria na porta do trabalho. Foi divertido. A primeira vez que fiz isso em quase cinco anos de loja. Fazer um caminho minimamente diferente. Já escrevi outras vezes que, por gostar muito de VLT, faço um percurso quase ridículo só para usá-lo: apenas duas estações, com direito a baldeação na Sete de Setembro, que me deixa na Praça Tiradentes.

Foi legal rever certa paisagem que, às vezes, a pressa e as responsabilidades nos alijam da oportunidade. Gostei tanto que repeti dias depois, mas com outra linha de ônibus. Acabei indo até o stand do Túlio, que fica na Primeiro de Março, com excelentes CDs e LPs estilo King Crimson, Traffic, Premiata Forneria Marconi e outros craques da música.

Depois eu conto.



Apesar do mau desempenho da Disney+, os filmes da franquia 'Star Wars' estão entre os títulos mais atraentes e bem sucedidos da plataforma

Recuar para ganhar terreno

Disney, em crise, estuda exibir filmes e séries na Netflix novamente

A Disney estuda voltar a licenciar seus filmes e séries para a Netflix e outros serviços de streaming. A informação vem do CEO da companhia, Bob Iger, que confirmou o interesse da empresa durante uma reunião com acionistas na última quarta-feira (8) para discutir os resultados do trimestre.

Apesar disso, Iger também disse que a Disney terá uma posição conservadora sobre o que será licenciado. "Produções da Disney, Pixar, Marvel e 'Star

Wars', por exemplo, continuam com ótimos desempenhos em nossa plataforma [o Disney+]"; informou o executivo aos participantes do encontro. "Eu não vejo motivo, só para ganhar dinheiro, que nos leve a licenciar esses títulos. Eles ainda são blocos muito importantes para o momento atual e o futuro do nosso empreendimento no streaming", prosseguiu.

Mas Bob Iger também admitiu o interesse da Disney em voltar a trabalhar com licenciamento. "Nós na verdade temos

licenciado nosso conteúdo para a Netflix, e vamos continuar a fazê-lo. Nós também estamos conversando com eles nesse momento sobre algumas oportunidades."

A declaração acontece quase dois anos depois do executivo se posicionar contra o licenciamento de títulos da Disney a empresas concorrentes do Disney+. Em janeiro do ano passado, durante uma entrevista ao New York Times, o executivo comparou a ideia a vender armas nucleares a um país de terceiro mundo que tivesse interesse em usar ogivas contras os americanos.

A decisão também acompanha o movimento de concorrentes como a Warner Bros. Discovery, que voltou a licenciar títulos da HBO para a Netflix recentemente. Entre as produções no catálogo da plataforma, há séries como "Insecure" e "Band of Brothers".

A Disney também anunciou nesta quarta o plano de unificar o Disney+ e o Hulu em um único serviço de streaming. Um aplicativo de testes deve ser lançado ainda este mês pela empresa.